

A RELIGIÃO MAIA PARA ALÉM DOS SACRIFÍCIOS

Camilla Barros Alves

Francisco Levi Jucá Sales

Rafaela Daniel de Sousa

RESUMO

Este artigo é uma análise do processo religioso na sociedade maia como uma ideologia, apresentando: um povo marcado pela fé por suas ações; noções de ideologia nas relações do cotidiano; o poder da nobreza através da crença, complementada pelos conhecimentos científicos, em especial, a astronomia e da inevitável disposição hierárquica de classes; e uma visão pragmática de elementos da religiosidade, tais como os deuses e rituais, tidos como exemplos concretos do uso ideológico da religião.

Palavras-chave: Maias; Cultura; Religião; Ideologia.

INTRODUÇÃO

Propomos analisar aspectos da cultura maia dando ênfase aos fatos a como a religião pode ser vista como ideologia na sociedade maia. Com isso é mostrada a religião, não só mítica com seus rituais, mas sendo utilizada como forma de ideologia para a dominação das massas e como os diversos rituais serviriam como manutenção da relação não só entre deuses e homens, mas entre o camponês e o nobre, através do pragmatismo de rituais, em especial, o sacrifício humano.

UM POVO MARCADO PELA FÉ

Localizada nas terras meso-americanas hoje pertencentes à Guatemala, Honduras, Belize e ao estado de Yucatã, a civilização maia obteve seu apogeu no chamado período clássico, isto é, grosso modo, entre 300 e 900 de nossa era. Numa época ainda distante do confronto cultural com o Ocidente, o povo maia mostrou-se bastante organizado numa sociedade essencialmente agrária, porém urbanizada, através das grandes cidades e suas grandezas arquitetônicas, tais como templos, palácios e tumbas reais; esta característica dos maias rendeu-lhes, mais tarde, a alcunha de “gregos da América”, numa alusão à importância cultural e às *pólis* da Ática.¹

Sem dúvida formavam um povo marcado pela fé, cuja alta sociedade, ordenada por reis e sacerdotes, se ocupava dos diversos ritos sagrados que agradariam ao também rico panteão de deuses por sua crença politeísta ligada à natureza e ao trabalho. Fala-se até de uma energia canalizada do espírito maia:

“Homem de profunda religiosidade, o maia, sempre muito social e prestativo, soube canalizar da forma mais natural seu tempo de folga, para participar da obra coletiva que era a edificação das pirâmides e dos templos”.²

A citação apresenta a relação intrínseca da religião para com o trabalho e o cotidiano do maia, mais precisamente do camponês, nas obras públicas como exemplo, impostas pela elite. Entretanto, o trabalho exaustivo traz consigo, mais cedo ou mais tarde, o cansaço:

“Em compensação, as elites mantidas não parecem ter colocado seus conhecimentos e engenhosidade na procura de técnicas suscetíveis de aliviar esse imenso esforço exigido do povo; até o fim, repetimos, tudo foi levado, cortado, talhado, transportado, somente a poder de braço e com ferramental neolítico!”³

Também não se poderia deixar de tratar aqui sobre a forma como vem sendo estudada a história desse povo. A fonte histórica indispensável para a compreensão dessa gama cultural provém, essencialmente, da filologia, de toda a complexa escrita hieroglífica maia (como nos relatos do livro sagrado do *Chilam Balam*), das crônicas espanholas dos tempos de conquista, e ainda pela arte maia das esculturas, edifícios, etc. Contudo os estudos sobre essa civilização ainda devem prolongar-se por bastante tempo, visto que questões enigmáticas relacionadas às suas ciências e seu quase desaparecimento ainda não foram de todo respondidas.

A RELIGIÃO COMO IDEOLOGIA

Por termos de significância, ideologia é, no campo filosófico, uma ciência que trata da formação das idéias e conseqüentemente manifesta-se como a maneira de pensar própria de um indivíduo ou de um grupo de pessoas.⁴ Presume-se que antes de qualquer ação, um pensamento prévio sobre o mesmo consistiria, ao menos, no limite de indagações do tipo “fazer ou não fazer”. É assim que acontece no estudo das sociedades: o homem age da maneira como vêm à luz, basicamente, os seus chamados

“princípios”, do que é certo e do que é errado, por exemplo. Entre os maias, a religiosidade arraigada entre nobres até camponeses, nos faz crer na afirmação da religião como ideologia. Questão que iremos mostrar ao longo do artigo.

Aprofundemos este tópico ao saber que:

“A ideologia das sociedades de modo de produção asiático se expressa através de um complexo sistema religioso, que traduzia o mundo como um reflexo imutável da ordem superior, cósmica, identificada com o déspota. O homem, nessas sociedades, parece ter sido considerado, no decorrer dos séculos, apenas como um humilde servidor de suas inúmeras divindades, e um importante auxiliar na gigantesca tarefa de manter o equilíbrio cósmico, a fim de assegurar a própria existência da comunidade”.⁵

E é assim que o déspota, e seus auxiliares, valem-se de inúmeros meios para garantir seu poder, como por exemplo, a arte que:

“... consiste na interpretação de mitos e a sua principal finalidade é criar a imagem dos deuses e confeccionar os inúmeros objetos necessários ao culto, pretendendo, sobretudo, dar expressão ao inexplicável, materializando as concepções mágicas e religiosas”.⁶

O maia pede auxílio às divindades nas mais variadas situações: desde a busca pela previsão de uma boa colheita, às glórias para uma batalha que se realizará. Todo este sentimento de entrega e submissão perante não só aos deuses, mas aos chefes e sacerdotes, notaremos pelos exemplos da vida nessa sociedade, por uma história das mentalidades.

A NOBREZA E AS CIÊNCIAS: O PODER DA CRENÇA

Politicamente, acredita-se que o governo maia fosse uma teocracia, exercida pelo *Halach Uinic*, de caráter hereditário. Semelhante às relações externas de outros povos pré-colombianos, em especial, incas e astecas, havia aldeias de camponeses, chefiadas pelos *Batah*, que pagavam impostos ao governante supremo, já que a terra era cultivada coletivamente:

“O povo miúdo (camponeses) fazia à sua custa as casas dos senhores (...) fazia todo o povo aos senhores suas sementeiras que se beneficiava delas e colhia em quantidade que

bastava a ele e sua casa; e quando havia caça ou pesca, ou era tempo de trazer sal, sempre dava parte ao senhor, porque estas coisas sempre eram feitas em comunidade (...) juntava-se também para a caça (...) e a carne do veado assa em grelhas para que não se altere, e vindo ao povoado faz seus presentes ao senhor e distribui com amigos e o mesmo faz na pesca”.⁷

Abaixo da realeza, encontramos ainda em classe de elite, militares e sacerdotes, sendo que estes últimos formavam o que podemos chamar de “ala sábia”, por seus conhecimentos científicos, ao passo que religiosos. O elo nobre entre rei, sacerdotes e militares, nesta ordem de influência, especialmente os dois primeiros, consolida-se num meio de manipulação das massas, haja vista que o rei mantém-se pelo poder da crença por sobre o seu povo. Na base dessa manutenção estão as ciências exercidas pelos sacerdotes, detentores dos saberes físicos e matemáticos da astronomia, responsáveis pela criação do calendário (necessidade imposta pela agricultura intensiva) e previsão dos movimentos astrais, como, por exemplo, os eclipses do sol e da lua (“mágica” aos olhos da população). Tais atividades tornaram-se verdadeiros instrumentos de poder perante o povo, visto que pela criação, por exemplo, do *Almanaque Sagrado*⁸ planejavam-se guerras, sacrifícios, e até os dias mais propícios para cada atividade humana, basicamente político-religiosa; este último termo melhor define todas as relações sociais maias, haja vista a religião estar intrinsecamente ligada ao aparelho de Estado e a vida da população, em todas as suas faces. Para ilustrar o significado do contato com o cosmos, como uma poderosa mágica aos olhos do povo “dominado”, transcrevemos, a seguir, uma antiga lenda maia que mostra um rei ávido por alcançar o inalcançável:

“Era uma vez um rei muito mimado e teimoso. Todo mundo tinha que fazer exatamente o que ele desejava. Certa noite ele olhou pela janela e cismou que queria tocar a lua. Simplesmente não se conformava com o fato de que a lua fica longe de todos nós, até mesmo dos reis. Mandou construir uma torre altíssima, que chegasse até o céu. Pensava que subindo no topo da torre alcançaria a lua. Mandou chamar vários construtores e todos lhe diziam ser impossível a construção de uma torre altíssima a esse ponto! A idéia de um simples carpinteiro pareceu, por hora, a solução: se muitos móveis fossem empilhados alcançar-se-ia o céu. O rei gostou tanto da sugestão que obrigou todos os súditos a amontoar seus móveis. E pobre de quem se recusasse, pois seria levado direto para a prisão! Naturalmente, quando todos os móveis do reino foram empilhados, o rei descobriu que eles não conseguiam atingir o céu. Então mandou cortar todas as árvores

do reino para fabricarem mais móveis e colocá-los na pilha. Findo o trabalho, o rei deu-se por satisfeito ao ver que sua torre de móveis alcançava as nuvens. Rindo, gritando, ele correu e começou a escalar a pilha até chegar ao topo. E, quando percebeu que nem assim era capaz de tocar a lua, bradou por mais móveis. O carpinteiro avisa ser impossível, pois já não há madeira. O rei, então, ordena que se tire o móvel que está na base da pilha e que o leve para o topo, porque a palavra *impossível* é proibida em seu reino. O carpinteiro obedeceu e o que aconteceu já se sabe: a pilha desmoronou e o rei despencou lá de cima. E foi assim que terminou a história do rei teimoso.”⁹

Embora essa lenda se enquadre numa literatura dita popular e de cunho moralista vejamos nela o espelho que reflete o quanto a autoridade máxima e persistência se fazia prevalecer até pontos extremos em nome do poder, e, por conseguinte, como será visto, da religião. Também não esqueçamos de que todas as relações de poder notadas até aqui, não surgiram apenas no momento citado do apogeu da civilização maia. Desde o chamado período pré-clássico, ocorre no estudo histórico de uma determinada sociedade, o que poderíamos chamar de um “processo gradual” em que a:

“... fixação dos camponeses em vilarejos pouco densos foi-se desenvolvendo ao redor dos centros cerimoniais onde residia o corpo sacerdotal; as mentalidades estavam transtornadas e era preciso repensar a organização das relações segundo as atividades: por outras palavras, estruturar uma nova sociedade. Uma hierarquia política e religiosa adaptada à nova distribuição de tarefas lentamente começou a ocupar o seu lugar”.¹⁰

É, pois, sobre essa base popular que repousava a base teocrática e feudal (pelos tributos, oferendas, corvéias). O povo sustentava clero e chefes, construía pirâmides, templos, palácios e estradas. Deduzimos que existia, por assim dizer, pela fé, uma incrível energia e de uma disciplina consentida dignas de admiração.¹¹

DEUSES E RITUAIS: UMA VISÃO PRAGMÁTICA

A religião maia pode ser associada a dois conceitos chaves já observados: a grande religiosidade do povo (religião como ideologia) e a diversidade de deuses no panteão (politeísmo). Sobre este último ponto convém-nos aprofundar para a observação da relação direta entre deuses e maias no campo das ações de trabalho (economia); pelo que se tem conhecimento, contavam com 13 divindades maiores para o céu, sete para a terra e nove para o mundo subterrâneo.¹² Em seu livro tão vívido

sobre os maias, *Grandeza e Decadência da Civilização Maia*, o inglês Eric S. Thompson, afirma que:

“O milho constituía a base econômica da civilização maia; era o ponto focal do culto e todos os maias que trabalhavam o solo lhe haviam erguido um altar em seus corações. Sem o milho, eles não teriam desfrutado (...) a prosperidade necessária para construir suas pirâmides e seus templos; sem o amor místico que por ele nutriam, os camponeses provavelmente não teriam atendido aos contínuos apelos de seus dirigentes para executar programas prodigiosos. Mas sabiam que trabalhavam para granjear o favor dos deuses do céu e do sol, dos quais a colheita do milho dependia”.¹³

Vê-se que a relação entre milho e sagrado contribuiu para a manutenção das relações hierárquicas de trabalho, uma vez que este não sendo bem realizado, será motivo de desagrado dos deuses, que, por sua vez, castigarão os produtores com secas ou epidemias. Os demais deuses, celestes, terrestres e subterrâneos, estavam associados: ao sol, Vênus e outros astros, à chuva, verão, vegetação, tempo, noite, morte, etc. Vejamos que os deuses estão no alcance da realidade rural, da nobreza e das ciências dos sacerdotes. Até mesmo a morte estava nas mãos do sacerdote no momento de uma cerimônia de sacrifício humano, como veremos adiante. Estudando os demais aspectos religiosos maias, encontraremos diversas tentativas de contato para com o sobrenatural através dos rituais. Algumas dessas tentativas, consideradas as principais e mais comuns a todo o povo maia, das terras baixas da Guatemala ao Yucatã, resumem-se basicamente nos rituais de incensamento e de sacrifícios humanos.

Por ritual de incensamento entende-se a busca de visões do mundo dos espíritos. Tal prática era executada apenas pela nobreza maia, principalmente o rei, e consistia na utilização de intoxicantes, bebidas fermentadas e plantas alucinógenas. Porém o principal era a feitura da sangria, através da perfuração dos órgãos genitais (da língua ou dos lobos das orelhas), fazendo o sangue escorrer sobre papel de córtex. O papel, uma vez úmido, era queimado e se transformava em nuvens de fumaça que alimentariam os deuses e trariam as esperadas visões divinas.¹⁴ Contudo, o pragmatismo desse ritual se dá pelo dever religioso que o rei também deve cumprir perante o povo mesmo que seja uma ação simples quando comparada ao ato, mais violento, do sacrifício. Compromissada, a realeza poderia proclamar que:

“Todo evento significativo, do nascimento à morte, da semeadura do milho à ascensão de um rei, requeria uma oferenda de sangue. Mais que um ato simbólico, essa oferenda servia para que os humanos dedicassem aos deuses seu mais valioso dom”.¹⁵

Por tudo isso, sobressai o principal ritual da religião maia: o sacrifício humano. À sua volta descortinam-se inúmeras lendas e locais dispostos à realização do mesmo. Tomamos como exemplo o tipo de sacrifício por afogamento estudado através da famosa descoberta arqueológica de Herbert Thompson, engenheiro e comerciante norte-americano, que pisou, pela primeira vez, no século XIX, em solo maia, mais precisamente entre as ruínas da suntuosa cidade de Chichén Itzá, cujo templo possuía um extenso tanque que foi o maior palco da ação ritualística dos sacrifícios humanos e grande motivador da curiosidade de Thompson: o Cenote Sagrado, ou Poço dos Sacrifícios, como foi denominado ainda pelos espanhóis.¹⁶ Já em tempos anteriores Don Diego de Landa, primeiro bispo de Yucatã nos tempos da conquista espanhola, escreveu, em suas crônicas, sobre o poço; e comprova a crença do renascimento do homem: “Eles costumavam jogar homens vivos nesse poço, *acreditando que não morreriam*, apesar de jamais algum deles serem vistos novamente”. (grifo nosso)¹⁷

É novamente marcante a tentativa de contato com o divino como no exemplo de outro relato espanhol que apresenta o fato de que senhores maias atiravam ao poço suas mulheres, com a recomendação de procurar os deuses para lhes pedir um ano propício.¹⁸ Com isso, o sacrifício significava uma troca de favor entre homens e deuses, pois se realizava em períodos de fome, seca, e epidemias para acalmar os ânimos divinos, pelo pedido de solução desses problemas ocasionados provavelmente pela perturbação daqueles que regularmente regem, com bonança, o mundo. Mais que isso, o sacrifício era o elo que garantia a proteção divina. Contudo, as últimas descobertas sobre os enigmáticos motivos do quase desaparecimento da civilização maia, remetem ao estudo da história das cidades maias e as guerras em que estiveram envolvidas. Um dado importante que daí surge seria a captura dos vencidos e não a matança em campo de batalha. O fato é que, entre os dominados, as pessoas comuns tornavam-se escravos e os prisioneiros nobres eram levados para serem sacrificados aos deuses, supostamente para o bem de todos.

Essas recentes descobertas desmistificaram as proposições latentes de que os maias formavam um povo extremamente pacífico; uma fonte interessante sobre tal fato

são as novas leituras dos hieróglifos maias (em edifícios e estelas) e, por exemplo, a observação de cenas de violência nos estuques da cidade maia de Palenque. Até mesmo a incitação religiosa para a destruição da arquitetura inimiga foi difundida, como afirma o trecho de notícia:

“Um ritual típico consistia na derrubada e incineração de construções. Em entrevista ao Discovery Channel, Takeshi Inomata, da Universidade do Arizona, explicou que os rituais envolviam a dispersão de restos de vasos de cerâmica e de instrumentos de pedras despedaçados, assim como ornamentos de jade e conchas. A demolição representava a derrota espiritual do inimigo, segundo as descobertas publicadas no livro *The Archaeology of Settlement Abandonment in Middle America*. Os maias acreditavam que as construções e os objetos possuíam poderes sobrenaturais, e que era necessário libertar seus espíritos antes de as estruturas serem destruídas, segundo um dos editores do livro”.¹⁹

Sabe-se que diversos fatores contribuíram para a necessidade da conquista de novos territórios: áreas devastadas ao redor das cidades impediam a subsistência alimentar, sucessão de dinastias, etc. Entre estes, tende-se a incluir a necessidade de cativos para o sacrifício. Não seria isto um mero pretexto constituído pelo influente Estado sobre a população na sua já conhecida “carreira” pela construção de uma ideologia religiosa vantajosa? Vejamos o fato de que a proteção divina pode ser retirada do homem como resultado de sua falta, em especial quando é capaz de realizar atos cruéis, embora talvez bem intencionados, e que, nas palavras de Herbert Thompson, possuem caráter “patético e trágico”.²⁰ A indagação pragmática sobre sacrifício, acima citada, pode ser afirmada, segundo o Código Parisiense 15, que mostra o sacrifício como “colaborador” para a invasão espanhola:

“... a catástrofe apocalíptica, que foi para o Império Maia a conquista espanhola, e que esta parece concebida pelo escriba, muito provavelmente um *chilam* (subclasse clerical, uma espécie de feiticeiro-adivinho), como a consequência de um “erro de cidade”, o de ter praticado os ‘sacrifícios humanos’”.²¹

A interpretação do escriba nada se relaciona com um possível fim, pois a crença maia prega a reencarnação, o renascimento, e não um fim definitivo; e a consciência, embora vaga, de que o sacrifício é algo talvez desnecessário e errado e que teria sido o fator primordial para a invasão espanhola.

CONCLUSÃO

Percebe-se que os aspectos políticos, sociais e econômicos da sociedade maia fundem-se numa religião que é a fonte primeira de uma ideologia. Tal afirmativa é consolidada pela apresentação de exemplos concretos do cotidiano do povo, como o trabalho e os rituais, sob o jugo de uma dominação plena no âmbito religioso, o qual, como já foi dito, serviu-se até quando pôde. Interessante notar, que esta descrença viria a partir do abandono das cidades e, bem mais tarde, do confronto com a cultura européia, e dos novos costumes adquiridos.

Ainda nessa certeza de uma dominação da hierarquia nobre, fazemos nossas as palavras de Annequin, por meio de um desfecho da situação geral do camponês que nem sempre aceitou plenamente as doutrinas e um dia viu-se cansado:

“A contrapartida foi provavelmente o que aconteceu, no século IX, o “relaxamento”, o “abandono total” desse povo derreado a força de bater-se, extenuado, esbaforido. De repente, teve de recusar-se de participar e retirou-se para sua choupana; privadas brutalmente de recursos as elites foram provavelmente obrigadas a se reconverter e a se tornarem igualmente camponesas; às vezes, observam-se traços de revoltas camponesas que mostram que a mutação nem sempre se processou com calma”.²²

Notemos que essa hipótese é a confirmação do fracasso do ideal, um tanto quanto opressor, religioso maia. Eis as provas de que a religião maia não se limita a meros costumes e ritos, ela está, sem dúvida, para além dos sacrifícios.

NOTAS

¹ PEREIRA, Lúcia, *Maias Os gregos da América* in: Série Culturas, Histórias & Mitos, Vol. 12. São Paulo: Escala, p. 25.

² ANNEQUIN, Guy, Trad. Albertino Pinheiro Júnior, *A civilização dos maias*. In: grandes civilizações desaparecidas. Rio de Janeiro: Otto Pierre, 1978, p. 121.

³ *Idem*, p. 146.

⁴ Dicionário Michaelis.

⁵ AQUINO, JESUS, OSCAR, *História das Sociedades Americanas*. São Paulo: Ao Livro Técnico, p. 53.

⁶ *Idem*, p. 56.

⁷ Diego de Landa, *Relación de las Cosas de Yucatán*. In: MORLEY, S. G., *La Civilización Maya*, Fondo de Cultura Económica, p. 200.

⁸ O Esplendor dos Maias. In: *Civilizações Perdidas*. Rio de Janeiro: Abril, 1998, p. 133.

⁹ PRIETO, Heloísa. *Lá vem história: contos do folclore mundial*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997, pp. 36-37. (Adaptação).

¹⁰ ANNEQUIN. *Op. Cit.*, p. 68.

¹¹ *Idem*, p. 121.

¹² *Ibidem*, p. 174.

¹³ *Ibidem*, pp. 66-67.

¹⁴ Esplendor dos Maias. In: *Civilizações Perdidas*. Rio de Janeiro: Abril, 1998, p.113.

¹⁵ *Idem*.

¹⁶ *Ibidem*, pp. 120-122.

¹⁷ *Ibidem*, p. 119.

¹⁸ *Ibidem*, p.120.

¹⁹ Rituais Violentos entre os Maias. In: *Revista História Viva Ano I N° 1*. Duetto, 2003, p.17.

²⁰ O Esplendor dos Maias. *Op. Cit.*, p.123.

²¹ ARNOLD, Paul. *O livro dos mortos dos maias: A escrita maia decifrada*. Hemus, p. 44.

²² ANNEQUIN. *Op. Cit.*, pp. 146-147.